

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LIBRAS - EaD**

**JULIANA ACÁCIO CORDEIRO**

**AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS: DESAFIOS DOS SURDOS FILHOS DE PAIS  
OUVINTES**

**PATOS - PB  
2021**

**JULIANA ACÁCIO CORDEIRO**

**AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS: DESAFIOS DOS SURDOS FILHOS DE PAIS  
OUVINTES**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* Patos, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> M Sc. Priscilla Andrade Sousa Nogueira.

**PATOS - PB  
2021**

C794a Cordeiro, Juliana Acácio  
Aquisição da língua de sinais: desafios dos surdos filhos de pais ouvintes/ Juliana  
Acácio Cordeiro. - Patos, 2021.  
27 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras - EAD) - Instituto  
Federal da Paraíba, 2021.  
Orientadora: Profª. MSc. Priscilla Andrade Sousa Nogueira

1. Aquisição de linguagem 2. Surdo 3. Libras 4. Comunidade 5. Inclusão I. Título.

CDU – 81'221.24

**JULIANA ACACIO CORDEIRO**

**AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS: DESAFIOS DOS SURDOS FILHOS DE PAIS  
OUVINTES**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus Patos*, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

**APROVADO EM: 26 /02/2021**

**BANCA EXAMINADORA**

*Priscilla Andrade Sousa Nogueira*

---

Profª M.Sc. Priscilla Andrade Sousa Nogueira - Orientadora  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

*Edcarlos Paz de Lucena*

---

Prof. Esp. Edcarlos Paz de Lucena - Examinador  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

*Juçara Lídia de Araújo Ângelo*

---

Prof. Esp. Juçara Lídia de Araújo Ângelo - Examinadora  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

---

## **Dedicatória**

Dedico este curso primeiramente a Deus Jeová, criador de todas as coisas, pois sem Ele, nada é possível.

Dedico a meus pais, José Nilson Cordeiro e Camila Acácio Cordeiro, que sempre me apoiaram em tudo, me incentivaram a continuar crescendo academicamente e a ser uma pessoa melhor.

Aos meus irmãos: Milena Acácio Cordeiro, Nilza Acácio Cordeiro, Daniel Acácio Cordeiro, Carlos Acácio Cordeiro, que estiveram sempre ao meu lado, ajudando-me com palavras de incentivo e bons exemplos.

A minha tia Joana Acácio, que nunca me deixou desistir, ajudando-me sempre que eu precisava, e me dando o suporte necessário para chegar até o fim.

## **AGRADECIMENTOS**

Sou muito grata a Deus Jeová, Criador do Universo.

À prof.<sup>a</sup> M Sc. Priscilla Andrade Sousa Nogueira, pela orientação.

Também aos professores das demais disciplinas, que tanto me deram forças e me auxiliaram na conclusão deste curso. Em especial, Juçara Lúcia de Araújo Ângelo, por quem antes do curso já tinha um grande apreço, e agora, admiro-a muito mais. Sem esquecer a pessoa de Edcarlos Paz de Lucena, que foi meu colega de graduação e hoje é meu professor. Foi uma honra para mim, tê-lo como Mestre.

Agradeço ainda, aos meus colegas, que direta ou indiretamente, contribuíram para conclusão desta pós-graduação, especialmente à Gessica Maria da Silva Bonfim, Gerlandia Leonidas Batista Silva, Caio dos Santos Farias, foi um grande prazer partilhar deste curso com vocês, amados!

Por fim, gratidão ao coordenador do curso do IFPB - PB, Campus – Patos

## **RESUMO**

O presente trabalho tem o intuito de elencar sobre a aquisição da língua de sinais: desafios dos surdos filhos de pais ouvintes. O mesmo objetiva ressaltar algumas dificuldades enfrentadas pelos surdos na aquisição da língua de sinais, bem como discutir o tipo de acesso a Libras e a importância da comunidade surda na vida da criança também surda. Esta pesquisa é do tipo bibliográfica, qualitativa descritiva tendo como embasamento teórico estudiosos como Perlin (2003), Strobel e Perlin (2009), Santos (2009), Grannier (2007), dentre outros que discorrem sobre a temática abordada. No caso de surdos que não tiveram acesso a Libras na primeira infância, ocorrem muitas dificuldades na aquisição da língua de sinais, pois é importante ter acesso a essa língua o mais breve possível. O atraso deste conhecimento pode ocasionar dificuldade de aprendizagem e cognição, além de falta de identidade própria, dependência e isolamento social. A aquisição da língua de sinais pode se dar através da influência com um surdo ou alguém que sabe Libras. Daí surge a importância da comunidade surda, uma vez que esta promove encontro com seus pares, viabilizando ações para superar limites entre surdos e seus familiares. Com respeito ao acesso a Libras, seria interessante ocorrer por meio de uma escola especializada para surdos, ou bilíngue, que abordasse o ensino de Libras como LI, fazendo bom uso de recursos visuais e tecnológicos. No decorrer da pesquisa, observou-se que as principais dificuldades encontradas pelos surdos filhos de ouvintes na aquisição da língua de sinais são causadas geralmente por causa do preconceito da família, do acesso tardio da Libras, da tentativa de cura da parte dos pais, da escassez de escolas especializadas para surdos, e ainda, da falta de creches mistas que amparam o surdo. Este estudo nos faz refletir que, compreender as dificuldades dos surdos filhos de ouvintes, contribui para mobilizar instituições educativas em propor subsídios para acolher este discente, conscientizar a família sobre a importância da Libras, e entender que a comunidade surda é o melhor impulso para propor liberdade, granjear anseios e obter engajamento social.

**Palavras-chave:** Aquisição de linguagem. Surdo. Libras. Comunidade. Inclusão.

## **ABSTRACT**

*The present work is intended to elucidate on the acquisition of sign language: challenges for deaf children of hearing parents. It aims to highlight some difficulties faced by deaf people in the acquisition of sign language, as well as discuss the type of access to Libras and the importance of the deaf community in the life of the deaf child. This research is of the bibliographic type, descriptive qualitative having as theoretical basis scholars such as Perlin (2003), Strobel and Perlin (2009), Santos (2009), Grannier (2007), among others who discuss the subject. In the case of deaf people who did not have access to Libras in early childhood, there are many difficulties in acquiring sign language, because it is important to have access to this language as soon as possible. The delay of this knowledge can cause difficulty in learning and cognition, in addition to lack of self-identity, dependence, and social isolation. The acquisition of sign language can occur through the influence with a deaf person or someone who knows Libras. Hence the importance of the deaf community, since it promotes meeting with their peers, enabling actions to overcome limits between deaf people and their families. With respect to access to Libras, it would be interesting to occur through a specialized school for the deaf, or bilingual, which addressed the teaching of Libras as LI, making good use of visual and technological resources. During the research, it was observed that the main difficulties encountered by deaf children of listeners in the acquisition of sign language are caused generally because of family prejudice, late access to Libras, the attempt to cure on the part of parents, the shortage of specialized schools for the deaf, and also the lack of mixed daycare centers that support the deaf. This study makes us reflect that understanding the difficulties of deaf children of listeners, contributes to mobilize educational institutions in proposing subsidies to welcome this learner, make the family aware of the importance of Libras, and understand that the deaf community is the best impetus to propose freedom, gain desires and obtain social engagement.*

**Keywords:** Language acquisition. Deaf. Libras. Community. Inclusion.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>09</b> |
| <b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>  | <b>11</b> |
| 2.1 ALGUMAS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS SURDOS FILHOS DE PAIS OUVINTES.....          | 11        |
| 2.2 A INSERÇÃO DA LIBRAS NA VIDA DA CRIANÇA SURDA.....                                  | 14        |
| 2.3 A IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE SURDA NA VIDA DOS SURDOS.....                           | 17        |
| <b>3 MÉTODOS.....</b>   | <b>20</b> |
| <b>4 DISCUSSÃO.....</b>   | <b>21</b> |
| 4.1 ALGUMAS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS SURDOS NA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS..... | 21        |
| 4.2 OS TIPOS DE ACESSO À LÍNGUA DE SINAIS.....  | 22        |
| 4.3 DESTACAR A IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE SURDA.....                                     | 23        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>24</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>26</b> |

## INTRODUÇÃO

Muitos almejos já foram alcançados na busca de direitos em prol dos surdos, um deles é o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Língua legalmente reconhecida como meio de comunicação e expressão dos surdos, através da Lei nº.10.436/02 (BRASIL,2002), ela foi regulamentada por meio do Decreto nº.5626/05 (BRASIL, 2005).

Apesar dos avanços conquistados, nem todos usufruem desta grande conquista. Alguns por falta de conhecimento da Libras; outros por preconceito próprio ou da família; e ainda, muitos até podem conhecer, contudo não têm acesso a essa língua por falta de oportunidade. Em razão disso, esta foi a causa primordial deste trabalho: informar sobre os contratemplos encontrados pelos surdos filhos de ouvintes no processo de aquisição da língua de sinais e quais as melhores sugestões para amparar o surdo no processo de interação com a família e a sociedade.

Analisar as principais dificuldades dos surdos filhos de pais ouvintes na aquisição da língua de sinais é de suma importância, pois esta ação visa conhecer para em seguida, conscientizar pais que têm filhos surdos, bem como orientar instituições educacionais a reverem algumas propostas viáveis para acolher essa clientela. Discorrer sobre o tipo de acesso à língua de sinais, e como se faz para obter este acesso, torna-se substancial, pois é indispensável o surdo estar matriculado em escolas especializadas para surdos, em creches mistas, e ainda, participar da comunidade surda, onde o sujeito poderá ter encontro com seus pares em vivências e anseios, e assim, obter acesso à aquisição da língua de sinais.

O embasamento teórico deste artigo é fundamentado a partir de falas de estudiosos como Perlin (2003) que explana sobre o quão é importante que todos tenham alteridade, o que, neste sentido, refere-se ao respeito às diferenças entre várias culturas, que o surdo se aceite e tenha orgulho de si mesmo e de suas diferenças, que aprecie sua língua (Libras) e sua cultura visual. Karnopp (2005) presta sua consideração ao afirmar que a língua de sinais deve ser apresentada ao surdo o mais breve possível, e que a influência de outro surdo preferencialmente, ou ouvintes que dominam a Libras é essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança. Grannier (2007) muito contribui ao sugerir a criação de creches mistas com o fito de oferecer apoio linguístico e cognitivo para o surdo filho de ouvinte na aquisição da língua de sinais. Santos (2009) também se pronunciou sobre a importância de escolas especializadas para surdos. Nader e Novaes-Pinto (2011) destacaram dentre outros os prejuízos cognitivos do surdo por não ter acesso a Libras o mais breve possível.

Considerar as dificuldades dos surdos filhos de ouvintes na aquisição da língua de sinais é o primeiro passo para entender que o acesso a Libras é um grande avanço para desenvolver a identidade, alargar as amizades, dá suporte para a vida. Seja acadêmica ou social, este acesso deve acontecer o quanto antes.

## **1.1 OBJETIVO**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

- Analisar alguns problemas enfrentados por surdos filhos de pais ouvintes na aquisição da língua de sinais.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

- Identificar algumas dificuldades encontradas pelos surdos filhos de pais ouvintes na aquisição da língua de sinais.
- Discutir o tipo de acesso à língua de sinais.
- Destacar a importância da comunidade surda na vida das crianças surdas.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 ALGUMAS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS SURDOS FILHOS DE PAIS OUVINTES NA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS

A palavra ‘surdez’ tem seus conceitos de diferentes formas. Um exemplo disso é quando se refere à surdez na concepção clínica que é tida como patologia, uma deficiência ou algo que precisa ser consertado. Já na concepção da comunidade surda, a pesquisadora Perlin, uma surda em potencial, diz que o surdo de verdade não se identifica como deficiente e nem acha que precisa de reajustes. Ele tem sua identidade própria e se assume como surdo, comunica-se na sua língua de preferência, que é a Libras, e busca seus anseios como qualquer pessoa. Ela ainda explana:

Se nos consideramos surdos não significa que temos uma paranoia. Significa que estamos sendo o outro com a nossa alteridade. Somos o surdo, o povo unânime reunido na autopresença da língua de sinais, da linguagem que evoca uma diferença de outros povos, da cultura visual, do jeito de ser. Somos alteridades provadas pela experiência, alteridades outras. Somos surdos! ( PERLIN,2003, p.89).

A autora explica que a alteridade está relacionada ao fato de se tornar parte da diferença em respeito ao outro. Ela pode ser entendida como o respeito e aceitação às diferentes culturas, compreendendo a identidade de cada uma delas. Abrange um aspecto em maior escala entre as culturas, ou seja, a percepção sobre o jeito de ser e de se comportar de cada grupo. Neste caso, ela faz referência ao povo surdo com respeito às suas peculiaridades, e o orgulho de ser surdo e ter uma língua que faz a diferença e uma cultura belamente visual.

Infelizmente, a maioria dos surdos não tem esta posição tão favorável com relação ao ‘ser surdo’. Como mencionado por Perlin (2003), a maioria deles é criado com preceitos ouvintes e tenta se adaptar ao que lhe é imposto, como gestos caseiros e/ou falar algumas palavras ensinadas nos regulares encontros com fonoaudiólogos. Consoante Nader e Novaes-Pinto (2011), algumas evidências mostram que, muitas vezes, devido à lentidão no diagnóstico da surdez, assim como a não aceitação dos pais e tentativa de curá-los, causam grandes prejuízos cognitivos aos surdos. Antes de descobrirem a surdez, a família age naturalmente com uso de gestos e expressões faciais, músicas infantis, entre outras práticas. Mas, no instante em que os pais percebem a surdez do filho, ocorre uma notável transformação no comportamento da família na interação com o surdo onde:

[...] os pais passam a sentir pena do filho e o olham com tristeza, tendendo a se culparem e passando a se sentirem ridículos ao cantar ou falar com o filho que não escuta. Todo o contexto muda, passa a ser carregado de tensão e até sofrimento, mas principalmente torna-se silencioso (ROSSE, 1994, p. 67, apud, NADER e NOVAES-PINTO, 2011).

Após o choque de realidade, a postura dos pais transmuta e eles passam a encarar os filhos como deficientes. A introdução de gestos caseiros no cotidiano da vida do surdo é imposta como forma de comunicação com sua família, sendo que apenas gestos familiares não são suficientes para que se tenha um nível favorável de uma língua estruturada.

Porém no instante em que a criança surda chega numa escola especializada para surdos e entra em contato com a língua de sinais, que até então era desconhecida por ele, e se conecta com surdos que conhecem e valorizam a cultura surda, ela passa a ver a vida com outra expectativa, de uma outra forma, que por sinal, é mais promissora, mais completa e mais integrada não só com a família, como também com a sociedade, e consigo mesmo(a). Quaisquer sentimentos que possam fazer a pessoa surda sentir-se diferente ou incapaz é prejudicial em seu desempenho tanto social como acadêmico. Não obstante, depois que se sente incluso(a), esse sentimento se converte em algo novo e extraordinário. O surdo passa a se sentir ainda mais valorizado e não tão solitário como poderia estar antes. Isto geralmente é permitido com a influência de outros surdos e contato com os mesmos.

É impressionante verificar que há casos de surdos que só se deram conta de que realmente eram surdos ao se depararem com escolas especializadas para surdos. Santos (2009) cita Perlin (apud 1998) ao afirmar que existem experiências de surdos que tinham suas identidades omitidas, pois nunca tiveram a oportunidade de ter contado com outros surdos, obtendo conhecimento apenas por ouvintes. Ainda há casos de surdos que vivem em condições de total dependência, ou seja, são impossibilitados de obterem quaisquer conhecimentos relevantes ou tomarem decisões significativas. Isto geralmente ocorre com surdos que possuem identidade surda incompleta; eles vivem e agem seguindo os segmentos dos ouvintes, negam-se a sinalizar e não querem ser identificados como surdos. Uma parte de uma pesquisa de Perlin refere-se a um depoimento de uma estudante surda de 25 anos que possui o curso médio completo:

Tenho uma amiga que não procuro muito. Tem alguns restos auditivos. Usa aparelho de audição. Ela não se aceita surda. Ela não quer estar no mundo dos surdos e tudo faz para ser oralizada. Tem poucos amigos. Quando ela foi para o II Grau não gostava de minha LIBRAS, me pedia para falar, o que jamais consenti. Notei que já nos primeiros dias fez amizade com uma colega. Elas ficavam juntas e conversavam, mas isso não durou muito, pois a colega ouvinte deixou-a por outra. Dessa vez sentiu-se desanimada com a experiência. A colega não entendia bem a fala e ela não conseguia compreender bem a colega. Na verdade, minha amiga não tem boa voz, é uma voz

muito mal articulada porque a colega ouve mal. Ela também não conhece sinais. A sua vida parece oscilar como um pêndulo entre surdos e ouvintes, não consegue ter amigos (PERLIN, 1998, p.75, apud, SANTOS, 2009, p.7).

Observa-se que a surda considerada neste contexto é incompleta, ficou praticamente sem ter onde se amparar, pois sem uma identidade definida não se encaixa na comunidade surda, também não interage bem com os ouvintes devido à dificuldade de compreensão do enunciado das palavras, por não conseguir se identificar em qual grupo pertence, uma vez que não se encaixa em nenhum destes. Isto mostra que a falta de interação significativa entre pais ouvintes e filhos surdos, pode acarretar grande risco de frustrações futuras, pois corre o risco de se tornar uma pessoa introspectiva, com poucas amizades, dependência emocional, falta de reconhecimento da própria identidade, bem como dificuldades de compreensão da língua de sinais.

Muitos surdos filhos de pais ouvintes têm acesso a Libras tardiamente, ou muitas vezes na fase adulta. E, referindo-se à identidade do sujeito, seja ele qual for, repercute diretamente no seu comportamento social. No caso da identidade surda de transição, isto se dá devido aos pais adotarem a ideia de que os filhos surdos devem ser oralizados. Por isso, vão em busca de instituições que priorizam a língua falada de forma oral como meio de comunicação principal, estimulando a linguagem da criança surda de forma objetiva por meio de leitura labial e da face, além do uso de aparelhos auditivos. O resultado esperado é a linguagem oratória dos filhos de pais ouvintes que, provavelmente, não terão condições consideráveis de desenvolvimento global, havendo apenas a escola para se desenvolver (Santana, 2007).

Cortes (2020) afirma que 75% das palavras faladas não podem ser labiais ou orofaciais, e a melhor forma de uma criança surda obter a língua de sinais é ter contato com ela. Karnopp (2005) afirma que a língua de sinais deve ser adquirida tão cedo quanto possível e a criança surda deve estar no convívio social de pessoas que são fluentes em Libras, de preferência surdos. Após aprender os sinais, a aquisição da leitura, da escrita e da fala, e se ela assim desejar o progresso, terá mais possibilidades e oportunidades de conseguir. No caso da criança ouvinte ou surda filha de pais surdos a linguagem acontece espontaneamente, antes mesmo de ir à escola. Porém, pode ocorrer falha no desenvolvimento da língua em detrimento das deficiências de comunicação entre os membros da família (CORREIA, 2017).

Ao continuar observando as contribuições, Nader e Novaes-Pinto (2011), referente aos resultados, destacaram que, dos 17 surdos analisados, filhos de pais ouvintes, quatro disseram nunca ter sido oralizados, e treze deles informaram já ter passado por terapia de oralização, mas não concluíam o processo ao ponto de conseguir fazer leitura labial de modo satisfatório. Boa

parte dos entrevistados, ao falar a respeito da alfabetização, questionaram não ter professores surdos e nem intérpretes, obtendo como consequência, a precária compreensão dos conteúdos abordados nas disciplinas, resultando em reprovação e/ou repetição de alguns anos no mesmo grau de nível escolar. Portanto, é de suma importância que as escolas estejam preparadas para acolher os surdos, bem como, aptas à integração dos ouvintes com a língua de sinais e de surdos com a língua portuguesa. As crianças surdas necessitam do conhecimento de sua própria língua, pois sem este amparo, ficam impossibilitadas de participar ativamente do processo de desenvolvimento da aquisição da linguagem. Tal situação dificulta não só a aprendizagem da Libras como do português escrito. Ao contrário das crianças ouvintes que já possuem acesso à língua portuguesa desde os primeiros anos, nem sempre crianças surdas têm esse privilégio ao adquirir acesso à língua de sinais.

Por ser uma língua natural, de linguagem própria e visual/espacial, pode ser adquirida sem dificuldades pelas pessoas surdas. Porém, faz-se necessário ter contato com esta língua o mais cedo possível. A aquisição da língua de sinais permitirá à criança surda, além do desenvolvimento linguístico, os aspectos cognitivos e sócio-afetivo-emocional, bem como o desenvolvimento de identificação com o mundo surdo, um dos dois mundos aos quais ela pertence. Ela também servirá de amparo para a aquisição da Língua Portuguesa na sua forma escrita. Finalmente, o fato de ser capaz de utilizar a Libras em seu cotidiano, será uma garantia de que a criança surda possa usar de forma plena pelo menos uma língua, língua está feita especialmente para a clientela surda.

## 2.2 A INSERÇÃO DA LIBRAS NA VIDA DA CRIANÇA SURDA

Após apreciar a leitura do artigo Aquisição de Linguagem e Desenvolvimento Cognitivo do Surdo, de Nader e Novaes-Pinto (2011), esta pesquisa demonstra que existem categorizações de diversos tipos de surdez, e em vista disso, diferentes formas de os surdos serem definidos. Dentre estas, encontra-se:

“Os surdos se identificam como “deficientes” auditivos (são os indivíduos que em geral são acometidos de surdez baixa ou moderada, porém conseguem falar e ser compreendidos pelos outros) seja por audição precária ou por leitura orofacial.

Surdos oralizados são os sujeitos que por sua vez possuem surdez leve ou moderada. Na maioria dos casos, conseguem falar com a ajuda de fonoaudiólogos. Seja com uso de aparelho auditivo ou não, geralmente estes se recusam a aprender língua de sinais.

Surdos adeptos à língua de sinais possuem condições favoráveis para aprenderem a falar. Referindo-se aos que possuem surdez moderada, eles se recusam a falar e assumem a língua de sinais como sua língua materna. Surdos oralizados que aproveitaram a oportunidade de aprender a língua de sinais, passaram a dominar as duas línguas.” (NADER, NOVAIS-PINTO, 2011).

Para se alcançar melhor desempenho na aquisição da língua de sinais, os surdos precisam ter acesso a Libras o mais rápido possível, pois desta maneira podem constituir o papel da linguagem como sua primeira língua materna, e o português deve ser inserido como segunda língua na modalidade escrita.

Nader e Novaes-Pinto (2011) atestam com respeito à aquisição da linguagem ao se referirem a surdos filhos de surdos, que aprendem a língua de sinais nos primeiros anos de vida, caracterizando certamente a sua língua materna. Em suas pesquisas, destacam que bebês que tiveram contato com os sinais em Libras se expressam mais rapidamente do que crianças que só tiveram contato com a fala oralmente. Isto se dá devido ao fato de os sinais serem mais favoráveis à execução, pois não requer muito esforço ao administrar. Enquanto que a língua oral requer maior coordenação de forma mais rápida de diversas estruturas, concentração e tempo para decodificar, ocorrendo geralmente aos dois anos de vida. Interessante ter conhecimento de que uma criança surda apenas com quatro meses já consegue fazer o sinal de leite; já a criança que não é surda, não faz nada além de chorar e observar coisas e pessoas ao seu redor.

Uma das formas de se obter a aquisição da língua de sinais é por meio de uma proposta muito viável feita por Grannier (2007). Ele ressalta que é crucial ter contato com esta língua nos primeiros meses de vida, e confessa ser um desafio para os pais ouvintes neste processo com respeito a seus filhos surdos. Evidencia ainda que é responsabilidade dos governantes adotarem medidas de apoio à criança surda. Ele propõe que os governos desenvolvam uma política linguística que possibilite a aquisição da primeira língua pelo surdo desde bem cedo, a partir da inclusão da criança surda em creches com funcionários surdos. Esta ação, além de favorecer a criança, beneficia também a pessoa adulta que precisa de trabalho, e muitas vezes não é inserida no mercado, por preconceito ou falta de iniciativa altruísta por parte de empresas e órgãos públicos.

O autor deixa claro que esta política pode ser implantada sem muito custo adicional, já que existem em nosso país inúmeras redes de creches municipais e particulares dispostas a

receberem falantes da língua portuguesa. É preciso apenas que em cada uma dessas unidades estejam disponíveis dois funcionários surdos usuários da Libras com o objetivo de que os bebês surdos tenham acesso à língua, podendo ocorrer de forma natural sem nenhum esforço ou ensino formal. Isto também possibilitaria à criança ouvinte conhecer sobre a vida do surdo e como ele(a) se comunica, tendo a oportunidade de aprender Libras sem obstáculo algum, visando com isto, interagir não só com ouvintes, mas também com surdos, por estar em uma creche mista, na presença de funcionários ouvintes e surdos (GRANNIER, 2007).

Os surdos na fase inicial aprendem naturalmente a língua de sinais. Basta ter acesso a mesma. Isto se torna tão natural quanto a criança ouvinte aprende o português. Com respeito às escolas de ensino regular, não há significativo preparo para atender as necessidades dos surdos.

“A inclusão almejada acaba ficando somente nos desejos da escola/ professora, porque há uma organização que implícita ou explicitamente valoriza o ouvir, o ser ouvinte, e isso acaba aparecendo e marcando as relações, revelando uma práxis pouco ou nada inclusiva. Nesse constante jogo, constrói identidades que se sucedem e se antagonizam, indicando os efeitos desse ambiente em sua constituição. Mas quais identidades poderão ser construídas neste contexto? (SOARES,2004, p. 141. apud, SANTOS, 2009 ).

No caso de alunos surdos que não possuem contato com a língua de sinais na primeira infância, uma das formas de amenizar o atraso cognitivo dos mesmos, é as escolas se empenharem em acolher os alunos surdos, desenvolvendo metodologias que visem melhor aprimoramento do aprendizado e ensino da língua, indo muito além de receber o aluno e providenciar o intérprete, algo que já é satisfatório.

O professor e o intérprete têm o importante papel de realizar o processo de inclusão do aluno surdo. Ambos precisam colaborar para melhor adaptação do surdo na escola. O docente também pode buscar recursos e estratégias de ensino que melhor se adequem às necessidades do surdo, realizar processos avaliativos adaptados para uma compreensão eficaz dos mesmos, objetivando dirimir a desigualdade e promover a inclusão e diversidade. A unidade escolar também deve dispor de recursos tecnológicos para atender as necessidades dos alunos sejam quais forem suas dificuldades (LIMA e CÓRDULA, 2017).

Com respeito ao aprendizado da criança surda nas escolas, Lima e Córdoba (2017) discorrem que o ensino da Libras tem a possibilidade de ocorrer de duas maneiras: na primeira língua, quando os aprendizes surdos têm acesso a Libras como primeira língua (L1); na segunda, os educandos surdos têm acesso a Libras depois de já terem contato com outra língua, e isto se dá como segunda língua (L2). Este processo tanto pode acontecer de forma simultânea,

como em uma escola inclusiva. Com respeito ao ensino da Libras como L1, é importante que o professor esteja ciente de que a Língua Brasileira de Sinais é essencialmente visual. É a partir deste ponto que o estudante surdo irá desenvolver sua língua e estrutura gramatical. Com respeito a Libras como L2, no caso do aprendiz ouvinte, será desenvolvida com base em recursos visuais e oralização do significado dos sinais, o que também acontece no caso de surdo que perdeu a audição com o tempo após a aquisição da língua oral.

Após inserido na escola de ensino regular, é importante salientar que os professores estejam dispostos a desenvolver metodologias voltadas para recursos visuais, viabilizando tecnologias para significativa absorção dos conhecimentos, utilizando imagens com representações históricas e culturais, bem como atividades lúdicas com o objetivo de explorar curiosidades e o intelecto do discente.

A alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem. O letramento visual, o alfabetismo ou a alfabetização visual significa sistematização e, até mesmo, empoderamento de sujeitos que se apropriam das habilidades e técnicas de leitura de imagens, criando deste modo um corpo comum, um universo de significações e um refinamento de leitura próprio dos mais cultos letrados (TAVEIRA, ROSADO, 2016).

Com a finalidade de transpor o ensino da Libras para o estudante surdo, desenvolve-se aos poucos a prática pedagógica da Diferença, onde o objetivo principal ocorre nas diferenças culturais. Dessa forma, mudar o conceito de patologia para surdez como uma marca cultural é imprescindível. Porém, torna-se substancial que a Pedagogia da Diferença abrace o papel emancipatório e transformador dentro de um olhar voltado para o surdo, como alguém capaz de aprender e se desenvolver como qualquer outro ouvinte. Neste sentido, observa-se a diferença cultural e linguística, onde não existe relação de domínio e supremacia entre um grupo e outro. É por meio dessas diferenças que se forma a individualidade de cada ser e as características primordiais de cada comunidade (LIMA e CÓRDULA, 2017. apud, BASSO et al. 2009).

### 2.3 A IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE SURDA NA VIDA DOS SURDOS

A comunidade surda se refere a um grupo em menor quantidade que se comunica por meio da Libras. Esta língua é reconhecida oficialmente pela lei 10.436/2002. Apesar de ter o nome de comunidade surda, é formada tanto por surdos como por ouvintes que dominam a

língua de sinais. Dentre estes, estão pessoas que lutam pelos direitos dos surdos, a saber, familiares, intérpretes, religiosos, professores (BRASIL 2002).

Aprender sobre a cultura surda nos faz entender o que realmente significa respeitar e aceitar o ser surdo como alguém que se comunica de forma diferenciada. Quando o surdo entra em contato com a cultura surda, ele se descobre e se reinventa, defende seus direitos e não se sente mais incapaz de fazer algo, pois se fortalece ao encontrar pessoas que superaram seus anseios e se tornaram o que realmente desejavam ser. É interessante notar o que afirma Sá :

[...] os processos identificatórios da criança surda, então, começam na interação com outros surdos: neste relacionamento, a criança surda pode não apenas adquirir de modo natural a língua de sinais, mas também pode assumir padrões de conduta e valores da cultura e da comunidade surda. Tendo essa possibilidade a criança surda pode absorver não só o modelo que a sociedade ouvinte tem para os surdos, mas também o que os surdos têm a respeito de si mesmos (este é o principal benefício da experiência comunitária da surdez através da vida escolar precoce: (a possibilidade de construção de sua identidade) (SÁ, 2004, p 103).

Em meio a uma comunidade social, não há apenas uma única identidade. Existem diversas personalidades. Porém, a partir do momento em que nos associamos a grupos de pessoas, passamos a nos identificar com algumas características do grupo, a ampliar conceitos até então não vistos com muita importância, a abraçar suas causas e conceitos, e porventura, a criar novos preceitos. Esse novo jeito de ver o mundo também nos encoraja a abandonar atitudes e pensamentos negativos. Este processo transforma e empodera a pessoa trazendo para si mesma uma nova identidade, com a qual se identifica bem mais que a anterior. Estamos sempre nos modificando em busca de espaço, oportunidades e anseios.

Santos (2009) ressalta que surdos filhos de pais ouvintes são caracterizados por surdos com identidades de transição. A razão disto é que cresceram com a ideia de serem oralizados, não lhes sendo apresentada outra alternativa a não ser aprender a falar. É preciso desarraigá-los deste preceito contido pelo surdo e por pais ouvintes, pois quando o surdo entra em contato com alguém que vive situação semelhante, ele pode se identificar com o mesmo, passar a ter contato com a comunidade surda e iniciar sua transição. Porém, segundo o autor, ao passar por este processo, o surdo em transição encontra dificuldades em seu desenvolvimento tanto da sua identidade própria como da língua de sinais e da reconstrução dos diversos progressos na vida. Isto ocorre, principalmente, devido ao atraso na aquisição da língua de sinais.

Em sua dissertação, em 1998, Perlin já incentivava os surdos a “determinar sua marcação simbólica de sua diferença não pela nacionalidade, classe, raça, etnia, mas pela cultura”. Dessa forma, os surdos lutam pelo direito do indivíduo surdo ser diferente em todas

as questões, sejam elas sociais, políticas ou econômicas (PERLIN, 1998,p.71 apud PERLIN ,2003, p. 81).

Perlin e Strobel (2014) declaram que não há distinção de acordo com sua surdez. O que é considerado de verdade é pertencer ao povo surdo por meio do uso da língua de sinais e da cultura surda. Estas representam passos relevantes no tocante ao fato de a pessoa surda assumir sua identidade e sentir-se autônoma. Isto implica dizer que todos os surdos são bem-vindos na comunidade surda:

A partir de uma visão dos Surdos, o ato politizado de alegar uma surdez “nativa” – ou seja, uma surdez de nascença – está ligado à identidade positiva de não estar “contaminado” pelo mundo dos que ouvem e suas limitações epistemológicas do som sequencial. A “pureza” do conhecimento dos Surdos, a verdadeira Surdez, que vem da expulsão desta distração é na cultura dos Surdos uma marca de distinção. Seria melhor ainda se os familiares e até mesmo seus pais fossem também surdos (WRIGLEY, 1996, p. 15. apud PERLIN, STROBEL,2014, p.9).

Os autores deixam claro ao se pronunciarem que, ao contrário dos pais ouvintes, os pais surdos quando percebem que seu filho é surdo encaram o filho como uma pessoa normal, amam e ensinam a língua de sinais com todo apreço e dedicação. Eles não descortinam defeito no filho devido ao fato de serem surdos ou vão em busca recursos para reparar a surdez. Mas no caso de pais ouvintes, o cenário é diferente, o desgosto é evidente, talvez até mesmo insuperável.

Contudo, os pais devem compreender que para se tornar possível a aquisição da língua de sinais, bem como adquirir uma identidade própria, é de essencial importância disponibilizar formas que levem o surdo a ter associação com o povo surdo, bem como pessoas que façam bom uso da Libras. E uma das formas de se obter este contato é com a inserção da comunidade surda na vida do indivíduo.

### 3. MÉTODOS

A pesquisa realizada é do tipo bibliográfica, qualitativa descritiva, produzida através de levantamento sobre a temática pretendida. Os dados foram coletados por meio de artigos pesquisados na internet, no Portal de Periódicos da CAPES e no Google Acadêmico.

Seria mais interessante fazer uma pesquisa de campo, porém devido à pandemia, realizar um estudo deste tipo torna-se desafiador e inseguro tanto para a pessoa pesquisadora quanto para a(s) pesquisada(s). Portanto resolvi buscar e examinar artigos que tratam desta temática, realizando assim um estudo bibliográfico.

Levando em consideração autores renomados que explicam a razão de os surdos filhos de pais ouvintes sentirem maior dificuldade na aquisição da língua de sinais, selecionamos (SANTOS, 2009; NADER, NOVAES-PINTO, 2011).

Com relação à cultura e identidade surda, temos Perlin e Strobel, (2014), que ressaltam a importância de pertencer ao povo surdo. Carvalho de Santos (2016) discorre sobre as escolas bilíngues e o ensino da Libras ser ofertado a todos da escola que tenham surdo matriculado.

Karnopp (2005) enfatiza a importância de a criança surda ter acesso à língua de sinais o mais cedo possível, entrar em contato com outros surdos usuários da Língua de Sinais. Também alguns autores expõem o acesso a Libras como Skliar (1998) que deixa claro o quanto é importante o ensino da libras na fase inicial, pelo fato de possibilitar maior compreensão do discente surdo e de forma natural.

Pesquisar sobre ter acesso à língua de sinais é de suma importância para seu acolhimento no sistema educacional de ensino. Compreender que ir em busca de direitos como ter mais escolas e creches adaptadas ao atendimento dos surdos, ainda faz parte de uma luta constante. Todavia, vale a pena o esforço. Artigos como estes, e tantos outros que já foram elaborados, representam as vozes dos surdos ‘gritando’ por maior assistência, por direitos iguais, como o de ter uma língua de sinais acessível a todos, nas escolas, creches, entre outros, e se empoderar dela.

## 4. DISCUSSÃO

Neste tópico, discorreremos diretamente sobre as dificuldades encontradas pelos surdos na aquisição da língua de sinais e vamos discutir o tipo de acesso à Libras oferecido a essa clientela, bem como, buscar compreender as razões pelas quais os surdos apresentam dificuldades na aquisição da língua de sinais e averiguar a inserção da comunidade surda na vida das crianças surdas.

### 4.1 ALGUMAS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELO SURDO NA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS

Ao fazer a pesquisa com respeito a alguns problemas encontrados pelos surdos filhos de pais ouvintes na aquisição da língua de sinais, destaca-se que a primeira dificuldade é que os pais demoram para perceber que os filhos são surdos. Por esta razão, tardam em obter conhecimento da Libras. Perlin (1998) afirma que há casos de surdos cujas identidades foram omitidas, devido ao fato de não terem a presença de outros surdos em sua vida. Outrossim, destaca o caso de surdos considerados incapazes de aprender e por esta razão não foram à escola. Nestes casos, evidencia-se surdos que não tiveram acesso à aquisição da língua de sinais.

A segunda dificuldade encontrada na pesquisa é o fato de os pais buscarem ajuda de fonoaudiólogos. Estes os aconselham a oralizar e usar aparelhos auditivos. Neste caso, os surdos são considerados de identidade surda incompleta, pois se comportam como ouvintes e por muitas vezes se recusam a aprender Libras.

A terceira dificuldade elencada no artigo é a escassez de professores qualificados para o ensino da Libras e intérpretes. Sem a presença destes, é impossível engajar os surdos não só na aprendizagem da língua de sinais, bem como acarreta maior dificuldade em aprender outra língua. Pois se não tiveram acesso a língua de sinais na primeira infância, faz-se imprescindível adotar efetivamente a inclusão de todos para todos, indo além de apenas obedecer à legislação e efetuar matrículas de alunos surdos (DAMÁZIO, 2005; GUIJARRO, 2005).

A quarta dificuldade diz respeito à falta de convívio com outros surdos, ou não participar da comunidade surda. Já foi comprovado, que a melhor maneira de um indivíduo aprender a língua de sinais é ter acesso a esta o mais rápido possível. Isto implica dizer que é necessário a criança ter contato com pessoas fluentes em Libras ou surdos preferencialmente. E a maneira

mais viável para que haja este entrosamento é por meio da comunidade surda (PERLIN, STROBEL, 2014).

#### 4.2 OS TIPOS DE ACESSO A LÍNGUA DE SINAIS

O tipo de acesso a Libras pode ocorrer de duas formas: como LI e L2. Como LI pode acontecer de duas formas: nos primeiros anos de vida, com a presença dos pais ao se comunicarem em Libras, bem como na escola inclusiva com um professor qualificado no ensino da Libras. Referindo-se ao ensino da Libras como L2, este se dá por intermédio de ensinamentos voltados para recursos visuais e oralização do significado dos sinais.

Com respeito ao discente surdo filho de ouvinte, a escola deve estar preparada para receber o aluno e engajar o ensino da Libras. Para que isto ocorra, é necessário abordar práticas educativas. Reconsiderar o conceito de surdez é o primeiro passo, entender que a surdez não representa uma deficiência, e sim algo que caracteriza o ser surdo. É uma marca cultural.

As razões pelas quais os surdos filhos de ouvintes têm dificuldades na aquisição da língua citada neste artigo são bem claras: o diagnóstico tardio dos pais ao descobrirem que os filhos são surdos, a não aceitação da surdez do filho e a busca de “reparos”, por meio de tratamentos com fonoaudiólogos e aparelhos de audição, a recusa dos próprios surdos a aprender a Libras, a escassez de escolas bilíngues, ou outras instituições que possam ampará-lo como creches mistas voltadas para os surdos.

Ao considerar estudos e artigos aqui citados, pode-se perceber o grande prejuízo encontrado pelo surdo quando este não é inserido em uma escola para surdos, nem tem o apoio familiar para aprender Libras devido aos pais serem ouvintes. No entanto, se houvesse mais escolas preparadas para atender este estudo minoritário, mas não menos importante, o valor cultural destes indivíduos teria outra história, outro legado, certamente mais promissor. Por isto a importância de escolas para surdos em todos os lugares.

Sobre o desenvolvimento da linguagem, Carvalho e Santos em sua pesquisa relatam:

(...) constatou-se que, por causa do acesso tardio a Libras, a criança surda observada apresentava alguma dificuldade para se comunicar. Devido a algumas restrições linguísticas da mãe, sua comunicação estava limitada aos gestos combinados, ou não, com a mãe e a alguns sons (CARVALHO & SANTOS, 2016, p. 190).

Os autores ponderam que uma forma de minimizar este atraso cognitivo é a oferta de escolas bilíngues, nas quais todos do grupo docente saibam a Libras e que tenham pessoas surdas em seu meio. Com isto propõe o acesso à língua de sinais para a criança ainda nos anos iniciais, evitando o grande prejuízo do atraso na aquisição da língua.

#### 4.3 DESTACAR A IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE SURDA.

Quando um surdo nasce em um ambiente em que os membros da família são ouvintes, faz-se necessário o indivíduo ter contado com outros surdos. Esta associação ajuda o indivíduo a compreender que ele não está sozinho no mundo e que existem outros que vivem muito bem, mesmo não tendo a capacidade de ouvir. Quando o surdo tem acesso à comunidade surda, qualquer sentimento de solidão se dissolve, e a partir daí ele passa a construir sua identidade. No caso de surdos filhos de ouvintes, a comunidade surda lhe oferece um grande suporte e amparo, como talvez nunca tivesse sentido antes.

Autores renomados como Perlin e Strobel (2014) atestaram que o surdo em meio à comunidade surda se reinventa, encontra expectativas de vida e anseios que talvez antes lhe era impossibilitado, sente-se capaz de ir atrás dos seus anseios, e qualquer sentimento de inferioridade já não existe mais, pois naquele ambiente não há distinção provida por ser surdo. Os surdos se unem em busca de respeito às diferenças, direito à educação de qualidade, a empregos e muito mais.

As autoras são claras ao afirmarem que as histórias contidas na cultura surda, é onde possibilitamos guardar pensamentos e emoções que nos encorajam e nos animam, despertam em nós desejos de valorizar a luta conquistada, de nos sentir valorizados(as) com o labor diário, que por sua vez, fazem com que nos sintamos como um todo único, visando sempre a um futuro promissor, sem olhar para trás.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar alguns problemas enfrentados por surdos filhos de pais ouvintes na aquisição da Língua de Sinais e como objetivos específicos: Identificar algumas dificuldades encontradas pelos surdos filhos de pais ouvintes na aquisição da língua de sinais; discutir o tipo de acesso à Língua de Sinais; destacar a importância da comunidade surda na vida das crianças surdas.

Atendendo aos objetivos, foram verificados alguns problemas enfrentados pelos surdos filhos de pais ouvintes, dentre eles, a falta de acesso da Libras nos anos Iniciais, e nas escolas de ensino regular do país.

Ademais, algumas dificuldades foram encontradas na trajetória dos surdos com respeito à aquisição da linguagem. É impressionante perceber que, referindo-se aos surdos filhos de pais ouvintes, a lentidão no diagnóstico da surdez faz com que a família passe a agir naturalmente, com uso de gestos e expressões faciais, músicas infantis, entre outras práticas corriqueiras. Ao perceberem que o filho é surdo, o cenário muda completamente: os pais param de interagir com a criança e infelizmente diminuem significativamente as demonstrações de carinho, agem como se o fato de o filho não ouvir, não faz sentido para eles brincar ou falar com o mesmo. Alguns adotam gestos e outros o encaram como deficiente ou incapaz.

Entender algumas dificuldades na aquisição é primordial para corrigir a lacuna que há entre a interação feita por gestos caseiros e palavras ditas oralmente de forma isolada, e a comunicação utilizando a língua de sinais. Entender a importância do ensino da Libras nas escolas, bem como em creches especializadas em atender crianças surdas, é encorajador, tornando um desafio positivo para entidades e familiares abraçarem a causa destes indivíduos e buscarem subsídios para ajudá-los no desenvolvimento da linguagem.

Após averiguar o maior número possível de pesquisas a respeito do tema abordado, constatou-se que infelizmente a maioria dos surdos filhos de pais ouvintes compartilham dos mesmos problemas com relação à aquisição da língua de sinais. Tais pesquisas ajudam a compreender que para que haja menos prejuízos por parte dos surdos filhos de pais ouvintes, é imprescindível a importância de uma proposta feita por Grannier (2007), a citar, a criação de creches mistas, nas quais todos os profissionais saibam Libras, com a presença de um ou mais surdos em seu meio, bem como adotar mais escolas Bilíngues que abordem o ensino da Libras como LI, onde os surdos tenham chance de interagir usando o recurso da desta língua desde os anos iniciais da escola.

Vale ainda compreender o quão é importante a interação do indivíduo surdo em meio a sua comunidade, com a premissa de que possa vivenciar experiências antes impossíveis devido à precária convivência com pessoas que não falam a mesma língua. Porém o surdo também precisa do apoio da família. Eles devem se esforçar para aprender Libras e com isto, ter a oportunidade de interagir de forma significativa.

Em suma, os objetivos propostos foram alcançados. Espera-se que esta pesquisa sirva de subsídios e incentivos para outros trabalhos acadêmicos, mobilizando no próximo o interesse de fazer mais por estes indivíduos que ainda sofrem por falta de acesso a uma língua que valoriza sua cultura e suas necessidades específicas, facilitando aos surdos a interação e comunicação. É importante que educadores estejam sempre se especializando, buscando formas de se adaptar às necessidades dos surdos. As escolas precisam oferecer o ensino da Libras para que os mesmos tenham oportunidade de se desenvolver por intermédio da Libras como L1.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em nov 2020.

CARVALHO, Denise Moura de, SANTOS, Layane Rodrigues Lima dos. **Pais ouvintes, filhos surdo: causas e consequências na aquisição da língua de sinais como primeira língua**. 2016. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/plugins/generic/pdfJsViewer/pdf.js/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Fwww.revistas.ufg.br%2Frevsinal%2Farticle%2Fdownload%2F41493%2F22088%2F#page=1&zoom=120,-124,259>. Acesso 30 de out. 2020.

CORTES, Celiane do Lago Novaes. **Dificuldades de aquisição da linguagem por crianças surdas filhas de ouvintes**, 2020. Portal da Educação, (online) disponível em < <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/>> Acesso 28 nov 2020

CORREIA, Jamile Keller de Souza. **Desafios na comunicação da criança ouvinte filha de pais surdos**. 2017. Disponível em< <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/3/desafios-na-comunicacao-da-criana-ouvinte-filha-de-pais-surdos>> Acesso em 20 de set 2020.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Educação escolar de pessoa com surdez: uma proposta inclusiva**. 2005. 122 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252979>>. Acesso em: 05 nov 2020.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GRANNIER, Daniele Marcelle. **A jornada linguística do surdo da creche à universidade**. In: KLEIMAN, Ângela & CAVALCANTI, Marilda (orgs.). *Linguística Aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 199 – 216. Disponível em: [https://ffclm.files.wordpress.com/2013/03/uma\\_proposta\\_heterodoxa\\_grannier.pdf](https://ffclm.files.wordpress.com/2013/03/uma_proposta_heterodoxa_grannier.pdf). Acesso 18 dez 2020.

GUIJARRO, Maria Rosa Blanco. **Inclusão: um desafio para os sistemas educacionais**. In: Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Ensaio pedagógicos: construindo escolas inclusivas*. Brasília: MEC, SEESP, 2005. p 07. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ensaiospedagogicos.pdf>. acesso 10 dez 2020.

KARNOPP, Lodenir. **Aquisição da Linguagem de Sinais: uma entrevista com Lodenir Karnopp**. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 3, n. 5, agosto de 2005. ISSN 1678- 8931 [[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)]. Acesso em 15 dez 2020.

LIMA, Juliana Acácio Cordeiro, CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. **O ensino da Libras no Ensino Fundamental**. Revista Educação Pública, 2017 disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/9/o-ensino-da-libras-no-ensino-fundamental>>. Acesso em 29 mai 2020

NADER, Júlia Maria Vieira, NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo, **Aquisição tardia de linguagem e desenvolvimento cognitivo do surdo**, 2011 Disponível em: [https://ava.ead.ifpb.edu.br/pluginfile.php/34599/mod\\_resource/content/1/Aquisi%C3%A7%C3%A3o%20tardia%20de%20ling%20e%20desenvolvimento%20cognitivo%20de%20surdos\\_artigo.pdf](https://ava.ead.ifpb.edu.br/pluginfile.php/34599/mod_resource/content/1/Aquisi%C3%A7%C3%A3o%20tardia%20de%20ling%20e%20desenvolvimento%20cognitivo%20de%20surdos_artigo.pdf). Acesso: 10 nov 2020.

PERLIN, STROBEL. **História cultural dos surdos: desafio contemporâneo** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-31. Editora UFPR Disponível em:< <http://w.scielo.br/pdf/er/nspe-2/03.pdf>> Acesso em 05 de junho 2020

PERLIN, G. **Ser e estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. 2003. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação. Porto Alegre. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5880>> Acesso em 01/01/2021.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Os Estudos Surdos**. 2004. Disponível em: [www.feneis.org.br/educacao/artigos\\_pesquisas/estudos\\_surdos.htm](http://www.feneis.org.br/educacao/artigos_pesquisas/estudos_surdos.htm). Acesso 30 out. 2020

SANTAELLA, Beatriz Gaydeczka , Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012. (Coleção Como eu ensino). <https://www.scielo.br/pdf/edur/v29n3/a15v29n3.pdf>. Acesso 15 dez 2020

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTOS, ES. **Comunidade surda: a questão das suas identidades**. In: DÍAZ, F., et al., orgs. Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 14-25. ISBN: 978-85-232-0928-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>Disponivem .<http://books.scielo.org/id/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285-02.pdf> Acesso 16 nov 2020

STROBEL, Karin; PERLIN, Gládis. **Teorias da Educação e Estudos Surdos**. Florianópolis, 2009. Disponível em: [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificadaEducacaoEEstudiosSurdos/assets/257/TEXTObaseTeoria\\_da\\_Educacao\\_e\\_Estudios\\_Surdos\\_prontapdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificadaEducacaoEEstudiosSurdos/assets/257/TEXTObaseTeoria_da_Educacao_e_Estudios_Surdos_prontapdf)> Acesso em: 11 jan 2021

ROBERTO, Lucas da Silva; VILHALVA, Shirley. **Educação pela arte: complementaridade expressiva para o surdo**. Revista de Cultura Surda, Editora Arara Azul, nº 19, set. 2016. Disponível em: [http://editora-arara-azul.com.br/site/revista\\_edicoes](http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes). Acesso em 14 out. 2020.

Taveira, C. C. Rosado, L. A. S. (2016). **O letramento visual como chave de leitura das práticas pedagógicas e da produção de artefatos no campo da surdez.** *Revista Pedagógica* 18(39), 174-195. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v18i39.3691> . Acesso 10 nov 2020.